

RESENHA

Antonio José do Nascimento Filho

NOLL, Mark A. *Momentos decisivos na história do cristianismo.* São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 384p. Tradução de Alderi Souza de Matos do título original *Turning points – Decisive moments in the history of Christianity.*

Nesta resenha, desejo ressaltar o método historiográfico utilizado pelo autor, bem como seus pressupostos teológicos. Também será feita alusão àqueles elementos mais destacáveis, bem como algumas críticas à presente obra. Inicialmente, salientamos a célebre declaração do autor de que: “A história do Cristianismo sempre envolveria pelo menos duas ações correlatas: um movimento para fora a fim de alcançar lugares onde o nome de Cristo era, até então, desconhecido e um movimento para dentro a fim de capacitar os corações a fim de aprenderem mais sobre Cristo” (p. 11).

O autor utiliza o método histórico analítico-descritivo, com uma análise acurada e sóbria de doze pontos de transição histórica por ele escolhidos. Tais pontos são transformados em capítulos, os quais seguem um claro escopo histórico com profundas bases de sustentação conferidas pelo autor. Vejamos alguns pontos caracterizadores dessa análise histórica. Em primeiro lugar, o autor sustenta uma arrojada posição de que a história eclesial não pode restringir-se somente a meras sustentações de dogmas, credos e confissões religiosas. Em segundo lugar, o autor alude que a história da Igreja é, sobretudo, o resultado cumulativo de pensamentos às vezes confusos, de ações hesitantes e de conseqüências geralmente imprevisíveis, as quais foram experimentadas por pessoas mais ou menos iguais a todos na contemporaneidade de nossos pensamentos, atos e ações. E, assim, “apresentar as vozes do passado não é simplesmente oferecer um atrativo, mas mostrar que os grandes acontecimentos da história da igreja sempre envolveram pessoas de verdade”. Em terceiro lugar, o autor demonstra

a relevância do estudo da história do cristianismo baseado no fato de que ela fornece subsídios de demonstrações repetidas e concretas acerca do caráter fé cristã. Para isso, vale-se dos exemplos dos Dez Mandamentos (Êxodo 20:2, 3) e da abordagem de Paulo acerca dos eventos históricos no texto veterotestamentário. Em quarto lugar, o autor assegura que uma análise da história da igreja oferece uma perspectiva acerca da interpretação das Escrituras, ao contemplar as mais diferentes cores e matizes interpretativas dadas à verdade bíblica por homens como Agostinho, Tomás de Aquino, Anselmo, Bernardo de Claraval, Lutero, Calvino e outros. Em quinto lugar, o autor sustenta que o estudo da história da igreja é eminentemente útil como um laboratório para o exame da interação cristã com a cultura circundante. Para isso, o autor vale-se de exemplos do passado sobre como os católicos romanos, os católicos ortodoxos, os calvinistas e luteranos expressaram a sua vida cútica na prática litúrgica. Em sexto lugar, o autor afirma que uma compreensão histórica do passado pode beneficiar o cristianismo moderno em diferentes questões contemporâneas. Em sétimo lugar, o autor diz que o estudo do passado pode ser útil para moldar atitudes cristãs apropriadas. Ele assegura que, muitas vezes, torna-se mais fácil viver o passado do que olhar para o presente, a fim de distinguir entre questões absolutamente essenciais.

Alguns pressupostos teológicos são percebidos pelo autor em sua apresentação dos pontos transicionais da história do Cristianismo. Dentre eles citamos: (1) a pressuposição de que, “mesmo onde em retrospecto parece que os cristãos erraram gravemente em suas decisões, o Senhor da igreja nunca os abandonou à sua insensatez, mas a despeito dos esforços equivocados, continuou a sustentar os Seus” (p. 19); (2) a constatação de que “devemos reservar o nosso compromisso mais profundo somente para aqueles aspectos da fé cristã que merecem tal compromisso e agir com tolerância cada vez maior à medida que nos movemos do centro para a periferia” (p. 20); e (3) a tese de que a “história da igreja implica um compromisso com uma expressão particular de fé do que é o caso com a história do cristianismo” (p. 20).

Dentre os muitos aspectos destacáveis na obra de Mark A. Noll, passo a aludir alguns de profunda significação histórico-teológica. Primeiro, a abordagem do autor sobre o monasticismo e seus múltiplos benefícios para a cristandade medieval (p. 89-113). É verdade que os monásticos medievais praticaram erros graves ao longo da história, mas também tiveram suas virtudes. Os monges foram os copistas que contribuíram para a preservação das Escrituras na Era Medieval. Eles educaram muitos povos, transformando a língua falada em língua escrita, como fizeram Cirilo e Metódio com a língua eslava no século IX. Os monges foram grandes pro-

motores do saber teológico, dentre os quais se destacaram Agostinho, Tomás de Aquino, Anselmo, Bernardo de Claraval e outros. Os monges medievais, principalmente os dominicanos e franciscanos, foram ardorosos missionários naquele período da história. Como diz o próprio autor da obra, “o que um historiador vê ao olhar para o passado é que, quase sozinhos, os monges, por mais de mil anos, sustentaram o que havia de mais nobre e mais cristão na igreja” (p. 111).

Um segundo ponto a ser mencionado é a análise do autor sobre as contribuições de Tertuliano e Clemente de Alexandria ao cristianismo. Segundo ele, “Tertuliano desafiou ousadamente as culturas pagãs do seu tempo com as realidades da fé cristã, ao passo que Clemente simpaticamente buscou para o cristianismo no melhor que a filosofia tinha a oferecer [...] Clemente meditou extensivamente sobre as verdades da fé e usou fórmulas para estimular a discussão acerca das realidades últimas do cristianismo. Tertuliano era um advogado, Clemente era um filósofo. Tertuliano raciocinou em direção a ação. Clemente raciocinou em direção à verdade” (p. 141). Ainda um terceiro aspecto assaz oportuno é a postura pessoal registrada pelo autor sobre o cristianismo, ou seja, “que o ‘cristianismo’ significa algo definido, com limites que são muito bem colocados pelos grandes credos considerados três primeiros capítulos” (p. 21). Nessa afirmação do autor, podemos ver a profunda necessidade de preservar a sã doutrina, bem como de envidarmos esforços para preservar os marcos antigos da fé. Não haveria verdadeiro cristianismo sem haver, também, além da defesa dos princípios, a sua prática histórica e a realização de sua obra missionária ao longo dos séculos, como o autor relevantemente trata em sua obra. O zelo e o empenho pertinentemente demonstrados, por muitos cristãos e teólogos, na defesa dos valores e princípios da fé cristã em todos os tempos devem também caracterizá-los na defesa de uma prática histórica da igreja, que traga impacto à sociedade contemporânea.